

LUZ

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Fundador:
HIGINO A. PIRES

Editor:
ARQ. JERÓNIMO REIS

Administrador:
JOSÉ NICOLAU JÚNIOR

DIRECTOR INTERINO:
ANTÓNIO GAIO

Propriedade da
A. A. E. (Secção Cultural)

Redacção e Admin.º:
RUA 16—ESPINHO

Comp.º e Impr.º na
Tip. PROGRESSO-Espinho

AVULSO 2\$00

III

NUMEROS 53 E 54

III

ANO IV

EDITORIAL

BRAÇOS CRUZADOS

Uma análise ligeira da vida social de Espinho obriga a conclusões imediatas e pouco animadoras. Os reflexos do mal e os sintomas diversos marcam nitidamente a realidade que se nos apresenta como um estado de fraqueza geral. Observando os principais organismos, os clubes desportivos e recreativos, verificamos a doença, manifestada por um maior ou menor grau de desorganização e atrofiamento com ameaças de uma intensidade maior.

Na qualidade de novos, atentos à evolução dos acontecimentos e cônscios de uma tarefa, criamos a obrigação de apontar o mal, com insistência, evitando o perigo das aparências enganadoras e de ilusões fomentadas quer pelo comodismo quer pela incapacidade. A crítica, a acusação, a realidade descarnada, servem um objectivo. O nosso fim está no despertar de consciências, no caminho a seguir iluminado pela luz forte da esperança, na reacção dos homens que sabem o que querem, na luta entusiasta por um Espinho melhor.

Dentro deste propósito de criar uma reacção, de acabar com a atitude doentia dos braços cruzados, que impede o progresso, nunca deixaremos de marcar posição.

A's duas aspirações maiores da nossa terra—o Pequeno Porto de Pesca e a Mudança da Linha da C. P.—demos todos os nossos pobres recursos e o maior entusiasmo. Espicadas algumas energias agitamos os problemas e algo se fez. Quanto à Mudança da Linha da C. P. mostramos bem alto a vontade do povo, marcando os interesses e as bases dignas da solução futura. Não fomos tão felizes com o Pequeno Porto de Pesca pois que circunstâncias várias aconselharam a pôr ponto final na questão. No entanto, o sonho nunca esquecerá.

Depois, na expectativa, aguardamos dum latejar consciente novos empreendimentos e novas directrizes mas o silêncio pesado dos braços cruzados, parece querer dizer que nada há a esperar. A rotina das pequenas tarefas limitou os anseios, fez esquecer a necessidade urgente da luta, tão cheia de variantes, por uma empresa maior.

Sabemos bem das fracas possibilidades económicas de que dispomos mas não podemos contar só connosco. E para merecer o crédito e o apoio do Governo, é preciso mostrar planos, evidenciar entusiasmo, apresentar trabalho.

Apesar de tudo, não acreditamos num Plano de Actividades para o próximo ano sem a alegria, o fogo vivo de mais uma obra a erguer. O ambiente enfermiço aguarda a influência duma reacção que bem se poderia concretizar num compromisso grandioso, digno de homens que sabem lutar.

Sem a pretensão de impor o exemplo, vemos hoje, na vida da Académica uma agitação que se não a levar ao ressurgimento tem pelo menos o mérito da prova de vitalidade. Alguma coisa frutificará da renovação ainda mal esboçada.

O futuro do Sporting está demasiado ligado ao problema dos próximos dirigentes. A crise acentua-se diante uma lista a

Continua na pág. 3

MARÉS VIVAS

Eleições à Vista

Nos primeiros dias do ano que se avizinha realizar-se-á, como habitualmente, a eleição dos novos Corpos Gerentes da A. Académica. Tem-se falado ultimamente numa renovação profunda de todos os elementos que constituem a Direcção, medida que nos parece justa e acertada pois aqueles que se dispõem a «passar o testemunho» dão mostras de começarem a ficar saturados dos cargos que têm ocupado ininterruptamente nos últimos anos. Estas coisas realmente causam, principalmente quando, como no caso da Académica, as dificuldades a vencer são enormes e por vezes insuperáveis.

Os resultados obtidos da contribuição desinteressada e generosa dos elementos que têm suportado a tarefa de dirigir a Académica não são famosos, são mesmo desanimadores. Mas não podemos, em verdade, culpá-los deste insucesso uma vez que eles não encontraram a colectividade

em melhores circunstâncias! O mal é antigo, pode mesmo dizer-se que é de sempre. Urge combatê-lo com decisão, duma vez para sempre encaminhar todos os esforços no sentido de tornar realidade o desejo natural duma gente nova da nossa terra.

Se a tarefa é pesada de mais para as nossas forças, paciência! Baquear depois da luta não é desonra, o que não devemos é dar-mo-nos antecipadamente por vencidos, cruzar os braços e deixar correr até que surja inevitavelmente um dia em que nada justificará a nossa existência, nem sequer como club desportivo.

E' norma dizer-se, em idênticas situações, que peores dias se atravessaram e nunca faltou o ânimo necessário para se vencerem essas crises. Isso é verdade, e não nos esquivamos a prestar homenagem a esses generosos rapazes que sem-

Continua na pág. 3

PROBLEMAS INFANTIS

A propósito do decreto sobre a frequência a espectáculos públicos

Os dois importantíssimos diplomas legislativos agora vindos a lume—sobre a frequência das crianças aos espectáculos públicos e acerca da obrigatoriedade do ensino primário—contêm em si mesmos o melhor elogio que se lhes possa tecer. São eles, com o seu aparecimento, que respondem a todas as questões até agora postas quanto aos problemas que tendem a resolver.

A riqueza espiritual dum povo alfabetizado só pode imaginar-se bem, comparando-a com a dum povo onde haja grande número de analfabetos. A possibilidade de melhor entendimento das coisas da vida, portanto do próprio homem; o conhecimento de tanta maravilha comunicada pelas letras (desde a poesia ao mais perfeito aproveitamento das técnicas); a alegria de melhor compreender o que os outros dizem; tudo, enfim, que só a leitura e a escritura, por mais elementares, significam—essa possibilidade é motivo de regozijo—e tanto maior quanto mais perfeita for a

sua concretização.

A proibição da frequência infantil aos espectáculos fora da esfera do interesse da criança, é enfim uma realidade, com a nova legislação.

Não agrada a todos, não agrada mesmo a muitos (ainda há dias uma senhora, ao nosso lado, dizia: «Acho bem, até certo ponto... mas a sacrificada serei eu!»). Respondeu-lhe outra: «E afinal, que mal faz as crianças irem ao cinema? Não percebem o que vêem!» Não se comenta por ora. Se possível, voltaremos a este aspecto).

Mas nem as coisas boas têm o condão de satisfazer toda a gente. Infelizmente, o que seja mais próprio e útil para as crianças e até para os adultos, é assunto sobre que muito há que dizer.

Este Decreto-Lei parece visar em especial a frequência de cinemas, a esta parte dedicando a maior parte do seu conteúdo.

Com efeito, o cinema é, de entre

Continua na pág. 4

A ARCA DO GRANDE ELIAS

Conto por EMÍLIO MACHADO

A leves passadas fugia a noite, por terras de S. Simão; as suas vestes negras enrodilhavam-se pelos pinheirais antigos—e, em breve tempo, já as penedias aloiravam ao sol que mal nascia.

Voltada ao Sol Bendito, quase galgando a encosta de S. Simão, a aldeia, estirada, dormia. Os colmos dos telhados amaciavam-se à luz, enquanto a noite, de tão cansada, deixava, pelas vielas de granito negro, os negros trapos sujos do seu manto. Quase tudo dormia, nem um vento sôfrego surgindo; mas lentamente, ora dum casal qualquer o fumo ia ascendendo, ora crianças chilreavam, ou gemiam alcatruzes de nora ou protestavam os gados seu apetite.

Ao extremo sul, entre castanheiros agrestes e roçando milhos secos da estiagem, amarelava a casa do Elias Judeu: as cores delidas da porta e da janela entristeciam; o fumo de algumas gerações mordera, para sempre, as paredes velhas, insinuando-se por rasgões e fendas que o tempo consumava sem resistência; o alpendre, onde o burrito vegetava quase ao relento, deixara-se tombar, cansadamente, na parte fronteira, como um boi repousa na volta do trabalho...

Mas para Elias, o dia era já um rapazote crescido: pois se na ante-véspera, quando o velho pai Simeão, à ordem de Jeová, fechara os olhos cansados da lida—pois se na ante-véspera do dia que vinha rompendo ele tomara posse daquela casa! ele ficara muito senhor de tudo aquilo, desde os campos requeimados à casa escura, até as antiquíssimas e solidíssimas arcas de pau preto onde tantos e tantos antepassados haviam recolhido riquezas de rajál!

Mas nunca ele soubera o que herdaria; nunca, em vida de seu pai, vira rutilar ao sol, à sombra, ou à luz de uma candeia que fosse, os santíssimos tesouros que, aferrolhados, jaziam num dos quartos; e nunca (ó tantállica tortura!) ouvira mais que o doce tinir dos metais, naquela sala onde dois rafeiros, grandes como colossos, latiam constantemente, e para onde o sempre chorado Simeão fugia, para rebolar-se—calculava ele—rotundamente, lúbricamente, entre placas rutilantes, amarelinhas como o Sol de Agosto e de efígies coroadas!

Quando, escapando-se por invisíveis frinchas da porta trancada por dentro, lhe chegava esse ruído, Elias adoecia; quando o pai terminava algum negócio e chegava, apertando no bolso uma nova mão-cheia de libras—Elias chorava e, entre uivos de inveja e súplicas, a Jeová rogava que, magnânimamente, sentasse, à Sua direita, o velho Simeão, já tão precisado de descanso!

Um dia, a coroar esses desgostos, seus olhos lucilantes aperceberam, na penumbra da

sala dos tesouros, um monte, uma Babel de arcas enormes, negras, magestáticas; e, entre elas, (ó dor das dores!) uma, monstruosamente grande, de grandes e fortes fechos, há muito enfechados! Desde então, Elias mal dormia; alta noite, se a lua arredondava, julgava o luar uma cornucópia, despejando oiro sobre si, tendo, como depósito, a Arca Grande, de fechos rebentados, enquanto, lá muito longe, prás bandas de Jeová, o pai Simeão berrava o seu desespero, pontapeando inocentes estrelinhas!

Um dia, o judeu velho cegou; pequenas quantias sumiam-se-lhe, ante a sua impotência e foi então que suplicou a Deus a maldição de seu filho. Dias passados, morreu; e no delírio, ante o olhar ansioso de Elias, gaguejou a história do velho Samuel que salvara as arcas todas dum incêndio, vindo a morrer, quase torrado, agatanhando ainda a Arca-Grande e a cruenta maldição que sobre ela pesava: Elias o grande, do tempo de D. Manuel I, fora à Índia, como todos, na sua juventude; de lá trouxera arcas enormes, de pau-preto. Dentre elas, avultava a Arca-Grande, de tampa trabalhada e fechos ainda reluzentes e a que o rico dispensava enorme atenção. Depois, cobiçavam-na os filhos—e essa cobiça torturava o velho de desconfianças e deve ter sido a causa da sua loucura; era já então muito velho e, empenhado na defesa dos seus tesouros, rondava pela casa, alta noite, insultando e escorraçando demónios roubadores. Um dia, o vento, zunindo nas frinchas, fê-lo supor que lhe arrombavam a porta—e sobre tudo e todos lançou a maldição duma terrível morte para quem violasse a sua Arca-Grande. Depois, fechou-se na sala dos tesouros; como, dias passados nem um ruído de lá viesse, os filhos arrombaram a porta: dentro, encontraram o cadáver do Grande Elias, negro e escaveirado, com as unhas quebradas, raspando ainda os ferrolhos ensanguentados da sua Arca-Grande!

E desde aí, embora incrível pareça e se falam verdade os velhos papeis de família, nenhuma cobiçosa garra violou jamais a plácida ferrugem desses fechos...

Mas o velho Simeão morrera e o novo Elias era um homem carajoso e fero, sem receio de maldições que amontoavam já o pó dalguns três séculos.

E assim, mal o cadáver de seu pai saíra a porta da casinhota, lançara-se na sala do tesouro, a abocanhar o fruto proibido! Uma a uma, as tampas das arcas saltavam, para patentear montes de moedas—fogo que acariciava e sangue que enlanguescia—para lançarem, risonhamente, peque-

Sombra Luminosa

Aqui,
neste Jardim de Rimas,
onde o mar não chega,
nem o sol aquece...
Aqui,
onde meus sonhos de menino
andam dispersos,
me dou a procurar
nas cinzas dos meus versos,
ALGUEM que não me esquece!...

Aqui,
sepulcro do meu sonho insatisfeito,
que o TEMPO há-de cobrir de sombras
ancestrais...
Aqui,
atapetando o chão,
no monte ou nas planícies,
haveis de encontrar
sempre, sempre,
a sombra do meu sonho
de Poeta
p'la sombra iluminado!

Luis de Oliveira de Andrade

nas núvens de poeira de oiro, e mostrarem barras graves de metais ardentes!

De súbito, no delírio em que Elias lançava ao ar e deixava cair, sobre os ombros, chuva de moedas, tinindo—a noite plácida chegou. A luz faltou para fazer cantar, rir, guinchar aquele oiro que a noite amodorrava; Elias abandonou, já triste, o bacanal, sem que a vez da Arca-Grande chegasse. Pela escuridão afora, a curiosidade e a sede do oiro roeram a alma do usurário; longinquamente, julgava ouvir aquela sinfonia, melhor que um cântico de David e que ia subindo, num crescendo furioso, para cair num pingolar suave—pling!, pling!...—que distendia os nervos, que embebedava docemente os sentidos...

Acariciava-o a ideia de que, rompendo a manhã, largaria para a cidade, a receber uma dívida, o seu primeiro oiro, um punhado de libras mornas que caíam—já o decidira!—sobre os tesouros da Arca-Grande!

Finalmente, o galo cantou; Elias ergueu-se de um salto, aparelhou o burrito, amarrou ao cinto um alforge com duas côdeas e montou. Lembrou-se, então, que na estrada saíam gatunos e buscou um par de pistóles. A estrada surgia então contornando um regatinho breve, o grande poeta da aldeia; as duas léguas são curtas para o burrito que se embebedava com o cheiro da ervagem branda...

Manhã alta, Elias regressa à sua aldeia. O sol é redondo e

morno, enlanguescido—e o burro troteia, enquanto a estrada, cálida e preguiçosa, se contorce com dificuldade...

A meio-caminho, numa descida escaveirada, começa a ouvir o som das badaladas rápidas da torre da sua aldeia; primeiro, cantantes, depois, crescendo em desespero, roucas e quentes—tocando a fogo! Elias sente o golpe; o coração estremece-lhe e cresce desmesuradamente, comprime-lhe o estômago e sobe a comprimir-lhe a garganta. Elias sabe; Elias prevê! Um soco furibundo esperta o burro que parte, em trote largo. A aldeia, longe e calma, surge; ao Sul, acorre o povo—Elias adivinhara... O fogo lambe já o telhado da sua casa, ameaça a sala do tesouro: Acaso? Fogo-posto? Quem o saberá?

Todos se lançam, com vasilhas de água, a debelar o fogo: o teto abate na cozinha; a porta da sala do tesouro cai às machadadas e as arcas, roídas do fogo, são trazidas para a rua, por homens sujos, tostados e desfigurados. Não há cautelas—há pressa! As arcas não se poisam—atiram-se; o velho pau-preto estala e, pelas brechas, o oiro ávido de luz—correl! O povo, mulheres e crianças, lutando aos gritos, correm a abocanhar a fortuna que jorra!

De repente, na volta da estrada, Elias surge ao trote periclitante do burrito; nos olhos, tem fogo; na boca, maldições. Olha um momento o tesouro disperso pelo chão, contempla o latrocínio

Continua na pág. 9

31-10-52

MARES VIVAS

Eleições à Vista

Continuado da pág. 1

pre trabalharam pela Académica com a melhor boa vontade e algum sacrifício. Mas o que é preciso é encontrar o caminho que nos afaste definitivamente destes períodos de depressão—principalmente quando a depressão está bem perto de atingir o espírito que sempre deve presidir a toda a colectividade.

Por isso mesmo, fazemos sinceros votos por que os novos dirigentes—ou os anteriores, reconduzidos—saibam encontrar essa linha de conduta de interesse vital para a nossa Académica.

ASSUNTO ESQUECIDO

São frequentes, em época de grande movimento, as reclamações sobre a exiguidade das instalações da estação de correios e telégrafos local. Com efeito, qualquer acréscimo de afluência àquele serviço público é suficiente para que todos os que ali se dirigem se acotovelem sem o mínimo de comodidades exigíveis. Dada a estreiteza do recinto reservado ao público, torna-se impossível sequer usar o sistema de «bichas», agravando-se a situação pelo diminuto número de guichets abertos.

Tanto assim é que desde há muitos anos está no programa de realizações da Administração dos C. T. T. a construção de edifício próprio para a instalação dos respectivos serviços, consoante as indicações técnicas exigidas. Escolheu-se já, pelo menos em princípio, o local onde se ergueria a construção, local centralíssimo sob todos os pontos de vista e, simultaneamente, necessitado de edifícios condignos com a vizinhança dos nossos Paços do Concelho. Para isso dispendeu já a Câmara Municipal de Espinho uma importância de cinquenta ou sessenta mil escudos, salvo erro, para ajudar à aquisição do terreno exigido. Foi o pagamento feito em prestações anuais, a última das quais realizada há já alguns anos. Não obstante esse facto, o certo é que Espinho continua sem possuir a Estação dos C. T. T. que a sua categoria de terra de turismo, o seu movimento comercial e industrial, a relativa modernidade dos seus edifícios exigem. O assunto parece estar esquecido e, por isso, o trazemos a público. Confiemos que as entidades competentes irão tomar a peito este assunto, tentando todos os possíveis esforços para a realização deste melhoramento tão desejado e precisado por Espinho. Muito se lutou para a transferência dos C. T. T. do barracão da rua 25 para as instalações da rua 23. Mais deve lutar-se para que, em breve, Espinho possua a sua Estação dos C. T. T. com edifício próprio.

Eu e Ele



«Óguente-se aí»... Eleições...

Na linguagem do nosso povo encontram-se a todo o momento expressões curiosas temperadas com bom humor e gaiatice. Dentro desses plebeismos o «Óguente-se aí!» caiu no gosto da rapaziada, fixando-se mórmente na gente da beira-mar. E assim é que, quando um indivíduo se encontra dentro de qualquer situação e diante uma atitude a tomar, está sujeito ao desafio irónico do «Óguente-se aí!».

A Voz dos Terríveis tem neste jornal o privilégio de tratar assuntos sérios usando e abusando do bom humor, conforme as causas e sem nunca esquecer a justiça. Está claro que uma secção deste género, tocando vários problemas, acusando e ridicularizando, por meio da caricatura mordaz, provoca quase sempre reacções diversas, chegando até a desmanchar «linhas» e a pôr à mostra certas «carcaças». Quando toca a rachar e as carapuças saltam ligeiras para as cabeças, já contamos com as «ondas». São poucos os que se aguentam no balanço, por mal dos pecados desta sociedade. Não desistimos. A Voz dos Terríveis, apesar de tudo, há-de continuar na sua missão, lançando constantemente o desafio—«Óguente-se aí!».

Mais um...

Mais um... e mais uma vez lamentamos a falta de preparação desta gente a quem não se pode tocar sequer com um dedo. Foca-se um problema, critica-se e interroga-se, e o resultado é o melindre descabido, a incompreensão e a atitude suprema da devolução do jornal. Que penal! Na verdade não podemos sentir outra coisa senão uma compaixão enorme por estas figuras destacadas da nossa sociedade, de importância balofa, incapazes de aceitar uma crítica.

Quanto à devolução do jornal, é assunto arrumado, pois, nem que elas venham às dúzias, continuaremos fieis aos princípios que defendemos. Desde que servimos ideais não hesitamos diante de interesses, e, se um dia tivermos de baquear por falta de bases económicas, restará o exemplo. «RUMO»—jornal da mocidade—saberá manter-se de pé.

Podem, no entanto, todos aqueles que não «se aguentam», devolvem jornais, cancelam assinaturas e nos viram as costas, ter a certeza de que estaremos atentos e sempre prontos a dedicarlhes o nosso carinho logo que o mereçam.

O desafio «Óguente-se aí!» é permanente.

Está à porta o período eleitoral para as duas agremiações desportivas da terra. Vai principiar o tempo do borbórinho, dos boatos, das listas e das manobras. Os ares vão conhecer afirmações famosas e até, se possível, revelações sensacionais.

Formam-se grupinhos, facções adversárias, e agitam-se nomes, quais bandeiras a defender. Gera-se a confusão e excitam-se os ânimos até ao dia da Assembleia. Então, em poucas horas, desfaz-se a feira e caem muitas ilusões.

Ao fim, quase por norma, pode afirmar-se que da montanha... saiu um rato, o que é bem triste. E pensamos assim, com tristeza, porque afinal, analisando os factos, verificamos que depois de muita agitação, de muitas conversas, apenas um número reduzido de associados sabe viver com elevação estes momentos de importância vital para os clubes, mostrando-se conscientes. A maioria, depois do barulho, depois de fomentar questões mesquinhas, pega na lista impressa e, em «rebanho», vota e elege.

Não vamos discutir a qualidade dos votos ou o sistema da eleição.

Interessa frisar, somente, a necessidade imperiosa da maioria procurar, com sinceridade e alheia a facciosismos, viver os problemas clubistas e agitá-los com elevação nas Assembleias, para depois votar em consciência, esquecendo os debates do café, a má língua e os «partidinhos».

Oxalá apareça quem saiba guiar no melhor sentido os associados dos clubes desportivos da nossa terra...

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

BRAÇOS CRUZADOS

Continuado da pág. 1

preencher com nomes capazes. Seria bom que a escolha fugisse ao perigo dos títulos, dando a preferência ao bom senso, à capacidade e ao amor clubista.

Sente-se uma encruzilhada difícil quando pensamos no «Orfeão de Espinho» e no grupo teatral patrocinado pelo nome ilustre de Manuel Lorangeira. Longe de partidos e de questões, vemos na fusão dos dois agrupamentos, o melhor caminho para evitar a quebra duma actividade tão precisa à vida espinhense. A teimar no presente não podemos prever melhores dias.

Assim é o quadro geral da vida da nossa terra, e, na verdade, deve exigir de todos a boa vontade suficiente para, a partir da crítica benéfica, acabar com os braços cruzados e dar vida nova a mãos generosas.

A. G.

"A VOZ DO ACADÉMICO"

Os rapazes do Colégio de S. Luiz publicaram já dois números do seu boletim «A VOZ DO ACADEMICO», dedicado a incentivar a propensão dos que pretendem fazer jornalismo. Não pode deixar de aplaudir-se esta iniciativa, sobretudo pelo esperançoso anúncio que ela nos oferece de que a juventude escolar espinhense não está só absorvida pelo vício do desporto, do café ou quejandos, mas ainda atenta aos interesses espirituais. Com as naturais dificuldades que lhe imprime o facto de o jornal ser dactilografado e feito em copiógrafo, pode dizer-se que o seu aspecto é agradável. Saliente-se a caricatura do director daquele estabelecimento de ensino, Dr. Pinto Correia, bastante feliz pela semelhança. Tanto o primeiro como o segundo número deste jornal apresentam variedade de assuntos, denotando compreensão dos gostos, tantas vezes discutíveis, dos leitores.

Desejamos à «Voz do Académico» as maiores felicidades, felicitando na pessoa do seu director, António Lebre quantos deram corpo à iniciativa.

Sabia que?...

Parece que a afirmação «forte como o ferro» deverá substituir-se por esta outra: «forte como o... algodão». Com efeito, crê-se vulgarmente que o ferro é um dos materiais cuja resistência à tracção é maior mas, de facto ignora-se que um fio de algodão é mais resistente que um fio de ferro de dimensões iguais.

Damos a seguir alguns valores bastante inesperados da resistência à tracção em Kg./cm.² de alguns materiais conhecidos:

| | |
|------------------|---------------|
| Rayone | 1.500 a 2.100 |
| Seda natural | 2.800 |
| Fio de aço | 6.400 |
| Nylon | 5.000 a 7.000 |
| Rayone superior | 2.800 a 7.800 |
| Fibra de algodão | 2.800 a 7.800 |
| Aço de rail | 7.100 a 8.100 |
| Linho | 1.100 |
| Fibra de vidro | 140.000 |

De reparar a extraordinária resistência à tracção que oferece o vidro!

(De Atomes)



ENTRADA EM CAMPO

Apelo às Consciências

Não pode dizer-se que o ano que vai findar tenha sido bom, no aspecto desportivo como aliás e infelizmente em outros aspectos, para a Académica. Ressalvado o sucesso da equipa de principiantes no campeonato nortenho de oquei em patins, toda a restante actividade desportiva esteve em modestíssimo plano.

Quais as razões deste insucesso? Analisemos as causas.

O clube, como aliás tem acontecido desde os seus primeiros tempos, mais uma vez se debateu com grave crise económica, uma das piores que tem enfrentado. As receitas diminuem, tornando difficilimo o cumprimento dos encargos ordinários e impossibilitando a amortização da dívida externa. E' preciso muita força de vontade muita carolice, muito entusiasmo para não fazer como o macaco, cruzando as mãos sobre a cabeça e deixando-se ir ao fundo sem luta.

Na parte directiva houve falta de continuidade, esforços isolados, desorientação. Para acrescer a estes factores, houve ainda entre os directores desinteligências que antigamente seriam impossíveis, deserções e falta de espírito de equipa.

Os atletas, por sua vez, parece terem acordado em colaborar nesta obra negativa e podem jactar-se de terem atingido o objectivo. Desapareceu aquele tão saudoso espírito clubista, aquela generosa dedicação à camisola, que obravam prodígios de vontade. Vão longe os tempos em que o atleta se sacrificava, a levantar-se com o sol ainda por nascer para seguir viagem na primeira classe de três riscos de um roncão comboio que o levaria à localidade onde iria defender o nome da Académica em luta leal. Prefere-se agora a comodidade de um automóvel do último modelo, «dernier cri» do Salon de Paris. Assim pode-se dormir a manhã na cama e chegar a Espinho bem a tempo de almoçar à pacatíssima hora de todos os dias. Sacrifício é palavra esquecida no vocabulário dos nossos desportistas. Há felizmente algumas excepções—confirmadoras, está claro, da regra. Os rapazes que constituem essas excepções são as raridades de museu que há que defender e conservar. Eles nos merecem toda a consideração por terem sabido manter-se imunes ao virus que infecta os seus colegas.

Poderá continuar este estado de coisas? Consentirão os atletas e associados que se prossiga a caminhada por tão traiçoeira estrada? Há que reagir, com consciência, com vontade, contra este mal estar que ameaça muito seriamente a existência de um clube a quem Espinho, que não dá mostras de o reconhecer, já muito deve. Impõe-se a reacção.

Leitor: se és sinceramente amigo da Académica, reflecte dez minutos apenas no que antes foi dito, e decide-te a colaborar na jornada regeneradora que o clube exige.

P. M.

OQUEI EM PATINS

O União de Paredes, simpático clube do Distrito do Porto e que ao oquei patinado vem dedicando especial carinho, fez deslocar até nós os seus grupos de Infantis e Principiantes com o fim de treinar com iguais categorias do nosso clube.

Em Infantis assistiu-se a uma luta desequilibrada dado que foi evidente a superioridade dos visitantes, mais preparados e contando com um jogador, Francisco de nome, miúdo de corpo e grande já na patinagem e manejo do aléu. Do nosso lado houve muita vontade, insufficiente, no entanto, para fazer face ao melhor jogo dos paredenses que alinharam com: Sá, Alcino, Barros, Chico

e Leal. Pela Académica jogaram: Bastos (Olimpio), Danilo, Gaio-so, Alceu (Vicente), Costa e Pinho.

Em Principiantes os unionistas fizeram a vida cara aos campeões, terminando o prélio com uma honrosa derrota pela tangente, 5-4. Para isso puderam contar com mais uma bellissima exhibição do seu guardião, Madureira, secundado muitíssimo bem pelos restantes elementos: Jorge, José Maria, Mendonça, Malheiro e Loureiro. Dos espinhenses que alinharam com Dias, Moreira, Miro, Ledo, Godinho, Castro Lima, apenas há a dizer que estiveram muito longe de si próprios.

XADREZ

Resolveu a Direcção da A. A. E., há já alguns meses, reforçando as características ecléticas do clube, criar a secção de xadrez. Adquirido o material que, de momento, se considerava indispensável, abriu-se a inscrição para esta nova actividade dos associados de modo a começar a trabalhar-se o mais rapidamente possível. Razões de ordem particular do mentor da nova secção e a chegada da época de verão forçaram a que a tarefa se iniciasse. Passados estes obstáculos, recomeçaram as tentativas no sentido de tornar viva e útil a nova secção. Com muito gosto podemos hoje anunciar aos amigos do xadrez, meio termo entre as actividades desportivas e as culturais, que essa secção vai finalmente apresentar-se ao público. Assim é que, possível e muito brevemente, teremos a visita à A. A. E. do Campeão de Portugal, João de Moura, de Lisboa, para realizar uma sessão de partidas simultâneas. Esperemos que a iniciativa seja compreensivamente apoiada pelos escasquistas espinhenses e que esta visita do reputado mestre possa ser o alicerce bem fundado de uma actividade intensa e profícua.

Todos os associados que pretendam inscrever-se na secção de

VOLLEIBOL

A secção de voleibol da A. A. E. atravessa uma grave crise. Motivos? Vamos tentar explaná-los, mostrando quais as dificuldades mais intensas da secção. Se, acaso, omitirmos algum ponto, tenham paciência leitores simpatizantes do voleibol, porque estamos a escrever um pouco à pressa.

A dificuldade número um da secção é o desinteresse que revela uma grande parte dos jogadores filiados. Temos, claro, mais dificuldades, que são muitas e variadas. Falta de espírito de sacrificio por parte dos jogadores, não só durante os jogos (o mal parece que, infelizmente, não é só desta secção), pois se batem sem galhardia, sem alma, amuando até por vezes, enfim sem amor à colectividade que têm a honra de representar, como também pela preguiça ou falta de vontade, como queiram chamar-lhe, de comparecerem a treinos e jogos. Sim, que isto de ir arrancar de casa um jogador, para este ir praticar desporto, tem o seu quê de ridiculo, não acham?

Sabemos que estamos a «malhar em ferro frio», mas pode ser que haja alguém que se não enfade e leia até ao final, e, então, já não daremos o tempo por mal empregado.

Voltando ao assunto, apresentamos a segunda grande dificuldade porque passa

Hoquei em Campo

A actividade da Secção de Hoquei em Campo da Associação Académica começou este ano mais cedo que nas épocas passadas e de uma forma diferente da habitual.

Ao contrário dos anos anteriores—em que a nossa equipa se apresentava, logo no início da sua actividade, em jogos de Campeonato—efectuou-se, desta vez, um período de preparação, que foi preenchido com a disputa de alguns jogos amigáveis.

Em Gaia e no nosso Campo de S. Félix da Marinha vencemos o Canidelo por 1-0 e 2-1, respectivamente; no Campo da Constituição a nossa turma foi derrotada por 0-5 pelo F. Clube do Porto e em S. Félix empatou com o Académico F. C. por 0-0.

Neste período, além das úteis indicações técnicas que se colhem sempre numa fase inicial de actividade em qualquer desporto, há a registar uma de importância para a nossa Associação: conseguiu-se restabelecer relações amistosas com as secções do F. C. do Porto e Académico F. C., tendo-se contribuído, por uma actuação correcta dos nossos jogadores, para desfazer a impressão desfavorável e a consequente má vontade existente nos meios hoquistas em relação à Associação Académica.

No primeiro jogo a contar para o Campeonato da 2.ª Divisão, a Académica perdeu com o Senhora da Hora por 0-1. Apesar de a nossa equipa ter conseguido um certo domínio territorial sobre o adversário, não alcançou melhor resultado, em parte por falta de sorte e principalmente por desorientação da linha dianteira.

Continua na pág. 9

xadrez da A. A. E. ou participar na sessão de simultâneas que Mestre João de Moura virá realizar a Espinho deverão dirigir-se ao senhor Eng.º Manuel Baptista, a quem está entregue a gerência da secção.

a secção, e que também é a do clube: falta de verbas, o que faz com que muitos sonhos se desvançam.

Pode-se considerar esta como uma das consequências dos motivos já atrás apontados. E' mais difficil de resolver, bem sabemos, mas quando não há boas vontades, pior ainda se torna.

Achamos, agora, que já apresentamos os dois grandes motivos, que concorrem para a crise que atravessa a secção. Queríamos apelar, desde já, para a consciência de cada praticante ou desportista interessado (será que os haverá?) no voleibol da Académica, para que se progrida em todos os sectores e em todos os sentidos, e não se retroceda ou mesmo se estacione.

Dar o exemplo aos novos deveria ser a obrigação de cada um dos «veteranos», mas não o é. Porquê? Agora a vez de responder pertence-lhes.

Queríamos que não respondessem por palavras, mas sim por actos exemplares de bons desportistas, porque a «camada nova» isso espera.

Desejariamos terminar este «apanhado» clamando para «as excepções», para que ao menos esses continuem a dar o seu esforço. Assim a crise por que passa o voleibol na Académica desaparecerá.

Fernando Baptista

Setemb. / Outub. / 52

5

La
letras artes

Director: António Gaio

SUPLEMENTO LITERARIO DE "RUMO"

Rosalía de Castro E O RENASCIMENTO DO LIRISMO GALAICO

Do nosso primeiro contacto com a Galiza, o ano passado, ficou-nos a ideia de escrever sobre algumas das suas figuras literárias, depois de termos escrito umas tantas crónicas, acerca das principais urbes da pátria galega. E só agora nos é dado falar de uma das suas mais brilhantes personalidades, digamos, uma das figuras mais esplendentes da literatura peninsular do século passado — Rosalía Castro de Murguía.

O nome desta insigne poetisa não é ignorado pelos portugueses cultos, mas é pouco conhecida a sua obra e a sua personalidade, bem como o ambiente em que se constituiu o seu belo espírito, estritamente ligado ao passado do seu povo e da sua pátria, pois que a sua obra ocupa um lugar proeminente na história da literatura galega. Traduzindo o drama do seu povo, na sua própria linguagem, com arrebatadora beleza, o galego foi uma poderosa arma de combate na sua mão; com esta arma defendeu gloriosamente a dignidade da sua grei, apoucada pelos azares da política e da fortuna.

Vejamus algumas considerações feitas por Garcia Martí, estudando a biografia de Rosalía de Castro, o ambiente em que ela se determinou e certos factores históricos predominantes. Reportando-se à genealogia estrita ou de sangue, da egrégia poetisa, apresenta-a como descendente de figuras galaicas muito ilustres; e, quanto à sua genealogia espiritual, apresenta-a como descendente de Inez de Castro e Joana de Castro, duas figuras galaicas que se immortalizaram com o ilustre apelido dos Castros e simbolizam momentos líricos de maior auge e plenitude da vida galaico-portuguesa.

Rosalía de Castro nasceu em 1837, em S. Tiago de Compostela. Passou a primeira e segunda infância na histórica vila de Padrón, a 20 kms. de Compostela. Neste burgo passou parte da sua mocidade e fez seus estudos. As subleções políticas ocorridas em toda a Espanha, que se reflectiram na Galiza desde 1846 a 1854, influíram fortemente na formação do seu espírito. Garcia Martí, referindo-se a estas subleções, conclue: «fenómenos singulares, de inspiração puramente regional, que caracteriza estes movimentos como peculiarmente galegos».

De 1846 a 1858 verificou-se um renascimento social e intelectual na Galiza, e Compostela foi o centro deste movimento renascentista. O primeiro livro de versos de Rosalía de Castro, escrito em castelhano, «La flor», data de 1857. E data de 1863, o seu primeiro livro escrito em galego, «Cantares gallegos», em que a autora se encontra plenamente integrada no dito movimento. O prefácio deste livro é uma vibrante expressão de autonomia galega, bela e arrebatadora, inspirada nesse movimento.

Apagando-se o eco dos cantares e da lírica galega, diz Garcia Martí, com dois poetas preclaramente de Padrón — Macias o Namorado e Juan Rodríguez — em fins do século XV, num momento em que a Galiza perdia a sua personalidade colectiva, absorvida pela política de Castela, para constituir-se a unidade espanhola: surge no século XIX um altíssimo valor, Rosalía de Castro, da mesma origem de Padrón, encarnando genialmente o renascimento literário galego. Depois da Galiza ter dormido um sono profundo de quase quatro séculos, é uma poetisa da mesma procedência quem faz despertar a Galiza num ressurgimento deslumbrante.

A importância histórica do lirismo galego de Rosalía, em relação com a poesia castelhana e portuguesa, consiste no facto de a egrégia Senhora representar o traço de ligação dessa poesia com o lirismo galego, que foi a matriz da literatura castelhana e portuguesa, na sua forma plástica e artística. Menéndez y Pelayo dizia: «não é possível negar, que, nos séculos XIII e XIV, houve uma poesia lírica popular, assim como houve uma poesia épica; essa língua era galega. E tal língua, na obra fulgurante de Rosalía de Castro, renasce muito mais ductil, mais coló-

rida, mais viva e mais rica, do que naqueles tempos bárbaros, mercê do seu espírito renovador e criador, a que não foi alheio um grande amor pelo seu país e pelo seu glorioso povo».

Vejamus o último passo do prólogo no seu inolvidável livro, «Cantares gallegos», e como Rosalía de Castro sentia a sua querida Galiza:

«Foi este o motivo que me impeliu a publicar este livro, que mais do que ninguém reconheço necessitar da indulgência de todos. Sem gramática nem regra de nenhuma classe, o leitor topará muitas vezes faltas de ortografia, gria que ferirá os ouvidos de um purista: pelo menos, e para desculpar estes defeitos, puz o maior cuidado em reproduzir o verdadeiro espírito do nosso povo, e penso que alguma coisa conseguí... Queira o céu, que outro mais afortunado do que eu possa escrever, com as suas cores verdadeiras, os quadros encantadores que por aqui se toparam, ainda no rincão mais esquecido e olvidado, para que, assim, ao menos em fama já que não em proveito, ganhe e se veja com respeito e consideração merecidas, esta infornada Galiza.»

O lirismo galego, na obra de Rosalía de Castro, ocupa um lugar de inconfundível relevo na história da literatura peninsular, e impõe o reconhecimento deste dialecto ou língua, como queiram chamar-lhe, com o mesmo poder ductil e expressivo, se não maior, do que muitas línguas eruditas. Veja-se a emotividade lírica destes seus versos, na sua expressão cândida e bela:

*Lugar más hermoso
no mundo n'hachara,
qu'aquel de Galicia,
Galicia encantada.*

*Galicia frorida
cal ela ninunha,
de froles cubertas,
cuberta de espumas.*

*D'espumas qu'o mare
com pelras gomita,
de froles que nacen
a ó pé das fontañas.*

*De valles tan fondos,
tan verdes, tan frescos,
qu'as penas se calman
no máis que con velos.*

*Qu'os ánxeles neles
dormidos se quedan,
xa en forma de pombas,
xa en forma de nieblas.*

*Cantart'ei, Galicia,
teus doces cantares,
qu'asi mó pediron
na veira do mare.*

*Cantart'ei, Galicia,
na lingua tolleña,
consuelo dos males,
alivio das penas.*

*Mimosa, soave,
sentida, queixosa;
encanta si rie,
conmove si chora.*

*Cal ela, ninunha
tan doce que canto
soidades amargas,
sospingos amantes.*

*Misterios da tarde,
murmuros da noite;
cantart'ei, Galicia,
na veira das fontes.*

Mas há tantas coisas que dizer ainda, sobre Rosalía de Castro! Nas próximas crónicas falaremos de outros seus livros versados na língua galega, que renasceu na sua grande obra e conquistou o seu devido e merecido lugar na história da literatura dos povos hispânicos.

Felisberto Ferreirinha

(Do «Noticias de I. Marques»)

A LITERATURA E SEUS PROBLEMAS

A propósito de um livro e de uma colecção (1)

Este livro do espanhol Camilo José Cela, com que se abre uma nova colecção de romances, levanta, mais uma vez, o problema da orientação actual da literatura e da responsabilidade dos editores.

Toda a arte e literatura que não vise a elevação da cultura popular, a dignificação social do homem, a formação duma consciência esclarecida e lúcida, é uma arte e literatura decadente, é uma arte e literatura incapaz de cumprir uma missão autenticamente formadora. Semelhante ponto de vista não é de hoje. Com ele se abriu, há anos, em Portugal, o debate entre os que repudiavam a ideia de que a obra artística fosse um acto gratuito e defendiam o realismo como a única força criadora susceptível de levar a literatura e arte a bom porto, e os que desejavam para a arte um reduto isolado da realidade.

De então para cá o espinhoso caminho da arte e literatura realista foi-se abrindo ao claro sol duma crítica construtiva, exploraram-se novos temas, inaugurou-se um estilo. Uma pléiade de jovens escritores remou, corajosamente, contra a maré alta da autoridade académica, dos nomes prestigiados, e de outras entidades veneradas... A experiência desses jovens estava na linha dum movimento geral da arte e literatura contemporânea, que reflectia a evolução dos acontecimentos de entre as duas guerras, e a luta de ideias entre as correntes do pensamento moderno. E' possível distinguir a partir da última guerra uma nova etapa do realismo? Sim, é possível. Os seus processos apuraram-se, os objectivos clarificaram-se, a consciência da nova arte e literatura enriqueceu-se. Entretanto alguns dos jovens de então não souberam, ou não puderam, acompanhar a força renovadora do movimento. Mas o realismo venceu, eis uma coordenada fundamental.

Terá este romance de Cela um conteúdo válido que o recomende como uma manifestação da nova literatura? Penso que não. Por todo o livro voa, como asa negra, um vento fatalista, um pessimismo absurdo, como se tais ingredientes constituíssem a força motriz da vida dos homens. Canta-se, em páginas amargas, a incapacidade humana em enfrentar a trágica acção do destino e do instinto. Destino e instinto actuam como se fossem forças implacáveis, caídas dum céu ameaçador como castigos sem fim, externos à sociedade e aos homens.

Os camponeses de Cela são cérebros primitivos, sórdidos e miseráveis, não têm a mais leve noção dum viver colectivo, mesmo local que seja. Não há uma ideia luminosa nas almas destes personagens. O povo é apresentado segundo uma visão mistificadora: de instintos perversos, de maldade inata, impotente perante as

forças do mal que lhe rebentam do íntimo, da sua própria natureza.

Em que se ocupa a família de Pascoal Duarte? Ninguém o sabe. São monstros dum mundo brutal, irremediavelmente afundado na miséria moral. Este livro pertence à fonte literária que prega a desmoralização, o fatalismo, a desumanidade. E' uma literatura das trevas. Descreve-nos um mundo ímpio, em que o herói, sanguinário de «bom» fundo, vegeta no meio duma família de bêbedos, de ladrões, de prostitutas, de miseráveis. Porém, enquanto os verdadeiros miseráveis — que saudades de Victor Hugo! — têm a sua grandeza, a sua pureza ingénua, as suas boas razões, reagindo como vítimas da injustiça, dentro de condições concretas, os miseráveis de Cela, são-no por fatalidade cósmica, por cega condição do destino. Deste modo se encontra justificada a miséria moral sem necessidade de investigar as causas que a determinam. Assim se apresenta uma imagem do homem reflectida não se sabe donde: do inferno, das núvens, da lua? A alma humana é um barro fulminado pelo pecado.

Como se vê a temática derrotista da literatura realista do século XIX, ainda informada por um método de análise sociológica (Flaubert, Eça), deu o passo a uma temática descarnada. Os homens são desenraizados do seu meio, da sua classe, do seu trabalho concreto. Que faz a família de Pascoal além de procriar, agredir, embebedar-se, prostituir-se? Onde a luta pelo pão, onde o trabalho, onde as aspirações, os sonhos, as alegrias que latejam em qualquer povo da península? Esta aldeia em que Pascoal alimenta a sua vida social, é uma terra de operários, de agricultores, de comerciantes, de ciganos, de ladrões, de feiticeiros? Pode ser tudo isto e não ser nada. Opto pela segunda hipótese.

O livro de Cela desvirtua o carácter do povo espanhol. Tal facto, que é evidente, não impressionou a pena académica do Dr. Gregório Maraño. Um prefácio onde a par dum formalismo pedante se defendem ideias falsas a respeito do destino humano — como por exemplo esta: a injustiça na terra é uma fatalidade da criação — dá-nos a medida da empresa.

Voltemos ao princípio. A publicação desta miserável família de Pascoal, como começo de carreira, é um péssimo cartão de visita. Perante o divórcio, que se está verificando, entre a literatura e o público, o editor, o tradutor, o escritor não têm responsabilidades criadas? Claro que as têm. Os que colaboraram para a apresentação desta obra ao público português deram mais um passo para que o divórcio se acentue.

Alberto Ferreira

(1) — «A Família de Pascoal Duarte», Camilo José Cela — Colecção Latitude, dirigida por Nataniel Costa, tradução de Tomaz Ribas.



TALVEZ seja verdade QUE

...alguns assinantes do RUMO só dizem não receber os jornais quando os recibos lhes chegam à porta...

...os «amigos» do nosso clube só aparecem nas horas boas e nos banquetes...

...o estado do clube condiz com o estado da sede...

...na próxima assembleia geral haja quem «bote» fala...

...a secção de Voleibol da Académica tem falta de jogadores...

...a dita secção não pode sofrer sangrias...

...o parque tem um «recreio para crianças», que só funcionou completo no dia da inauguração...

...o ponteiro dos minutos do relógio da Igreja se adianta na descida e se atraza na subida, o que, ao fim e ao cabo, vem a dar no mesmo...

...o ditado que diz que é mais fácil destruir que construir não se pode empregar nas obras do Mercado Municipal...

...com o encerramento do Casino muitos meninos não têm onde passar a noite...

...se pensa em fundar em Espinho um Cine-Clube...

...o Parque Desportivo que a Empresa do Casino tem que construir continua em águas de balcão...

...os futebolistas espinhenses

e seus simpatizantes têm a doença da xenofobia...

...já fez um ano que se redigiu uma exposição sobre o porto de pesca...

...as próximas assembleias futebolísticas prometem mais manobras do que oradores...

...ao fim é tudo uma questão de táticas...

...as eleições vão provocar forte efervescência...

...todas as semanas o boletim meteorológico, do «Verde Gaio» não falha...

...se pensa em fazer desaparecer o «mostrengo» do Largo dos Combatentes...

...no arranjo artístico das Obras de Defesa continuam as variações caprichosas da regional manta de retalhos...

...finalmente vão começar as obras do Hospital...

...esta secção não tem o «veneno» que a nova gravura mostra...

...a campanha eleitoral deste ano, na Académica, deve tomar aspectos sensacionais...

...se verifique a reviravolta tão necessária na orientação do nosso clube...

...os actuais directores do Sporting não estão de «pedra e cal» no poleiro...



CAMPISMO

II

Teve extraordinário incremento em Portugal, nos anos que se seguiram à guerra, o campismo. Influência devida em parte, talvez, ao exemplo de tantos refugiados que continuaram praticando entre nós este desporto tão divulgado noutros países—e, por outro lado, exemplo e apoio dos campistas portugueses mais velhos, que muitos foram incansáveis no encaminhar dos novos.

Em campismo, como em todos os desportos (como, afinal, em tudo que o homem faz), houve vontades que se quebraram, ilusões que se desfizeram, incompreensões, tudo—e tudo isso continua a existir. Mas o entusiasmo foi enorme e continua.

Por uma parte, nem a toda a gente agrada a vida de campo, embora não seja o caso da maioria. Quase sempre os que experimentam, gostam—e voltam. Outros são afastados por factores da ordem do esforço para atingir o local de campo, para transportar as suas coisas, para preparar as refeições; pela troca de um leito mais macio por outro tantas vezes só de folhas (quando o há...); por uma preguiça «maldita»; pelo «ridículo» do campismo e das aparências... Outros, por razões de ordem económica: é que o material indispensável ainda hoje custa umas boas centenas de escudos. Lá iremos. De momento, vejamos a largos traços o problema do vestuário e do material.

Primeiro que tudo: em desporto não há ridículo.

Claro que cada prática, cada modalidade, exige uma vestimenta, um calçado, uma protecção adequados. Ninguém se lembrará de ir jogar o futebol de esquis, ou descer pelas montanhas nevadas com botas de futebol. Ridículo há, sim, quando certos indivíduos se apresentam rigorosamente apetrechados, flamantes, só para dar nas vistas, esquecendo o lado desportivo. Há desses,

sim; satisfazem-se com a câmara fotográfica e viverão a contemplar o album mais ou menos em família... Também uns tantos sujeitos se mostram de tal modo que parecem caricaturas ou fantasias ao vivo... (Mas bem: vamos ao que interessa).

Ninguém se admira de ver um futebolista em calção—que essa é a peça de vestuário usada na cidade, na vila, na aldeia, no litoral e no centro. Mas na cidade, na vila e na aldeia, muita, muita gente se espanta e se ri ao ver passar uns tipos esquisitos, com uma mochila e de... calção!

O campista só precisa de usar esta peça de roupa no campo. Sujeito a toda a sorte de movimentos e esforços com as pernas, não são as calças convenientes. Mas também não deve haver a preocupação de andar de calças enquanto na cidade, para mudar ao passar para o campo. Comodidade, de acordo com as exigências do desporto, em primeiro lugar. Depois... é com cada um.

Quanto ao resto da indumentária, sucede o mesmo: cada qual veste como gosta e pode. É verdade que fez furor a moda das camisas de xadrês, as peúgas com borlinhas, os bonés de pala comprida, os gorrinhos de lã também com uma borlinha... (Bom; não saíamos do lado sério do problema).

Uns sapatos ou botas fortes, uma camisa de lã (fina ou grossa, segundo a estação), peúgas de lã, protecção para a cabeça—e eis o campista vestido. Simplicidade, conforto. Isso sim, que é o essencial.

As roupas de lã, como se sabe, são as melhores, por garantirem uma mais eficaz protecção contra o calor, o frio, a transpiração, etc.

Quanto ao material de campo, há hoje literatura bastante sobre o assunto e as casas da especialidade. Não se torna preciso, portanto, focar o problema.

F. M. Carvalho

necer-lhes o ambiente propício e a orientação adequados.

A nova legislação é um passo decisivo e de enorme alcance. Os outros aspectos, complementares daquela, são tanto ou mais importantes que ela própria, que da sua boa realização depende o êxito. É que não se pode dar por um lado, deixando que se perca por outro. A escola, o parque de divertimentos, o jardim infantil, o espectáculo de cinema ou de teatro, a literatura, terão de ser complementares da vida no lar e na sociedade.

F. M. Carvalho

Problemas Infantis

Continuado da pág. 1

os espectáculos de hoje, o que maior número de frequentadores infantis conta. Terras há onde nas «matinéas» as salas ficam cheias de crianças de todas as idades; até pequeninas ainda, elas aí vão, sem ao menos a companhia dos pais ou outras pessoas crescidas. Ali ficam durante as duas horas de sessão, de que nada percebem na sua maior parte. E à noite, quantas vezes ainda a pequenada representa uma boa parte dos assistentes!

Que quer isto dizer? Só a falta de regulamentação se deveria atribuir semelhante prática?

Não, evidentemente. Na verdade, o desleixo; o desejo de não se privar de certas coisas, mesmo que isso importe um mau encaminhar dos filhos; o desconhecimento das mais singelas regras de psicologia e de higiene mental e fisiológica infantil (e tantas outras razões do mesmo peso), justificam amplamente o comportamento desses pais.

Todavia, nem só do cinema devem afastar-se as crianças (do cinema impróprio, claro). Convém que se proceda do mesmo modo em relação a outros espectáculos, a outros divertimentos, a outros passatempos. Porque também as crianças vão aos casinos; aos bailes; até às tabernas.

Levar um garoto para recintos fechados como os dos cinemas, rou-

bando-os à luz, ao sol e ao ar livre; fazê-las (ou deixá-las) frequentar casinos, onde, apesar de terem mais ar que no cinema, nada de útil colhem—mas só inutilidades ou nocividades; conduzi-las à taberna, onde o pai tantas vezes acaba embriagando-se tendo o filho ao lado, ou onde este assiste a tristes cenas de bebedeira e aos desmandos de linguagem vulgares nas tabernas; deixar que crianças vão para salas de baile, sujeitas ao ar viciado e a tudo o mais, é, além de grave atentado contra a saúde delas, um crime contra a sua vida mental e espiritual em franco desenvolvimento.

É de todos os tempos que as crianças são o património duma Nação! Os pais orgulham-se dos filhos, exibem-nos, julgam-nos os mais perfeitos de todos, assustam-se e choram às suas mais pequenas dificuldades... e, a par disso, caem nos erros tremendos como os que vimos considerando.

Claro que é em relação às crianças da cidade que o problema se põe principalmente. As dos pequenos povoados, embora não gozem tantos benefícios hoje ao alcance da infância, têm no entanto a seu favor o são da vida campestre. Na cidade, a maioria das casas não tem um terraço ou um quintal: as crianças vivem fechadas ou na rua, sujeitas aos perigos desta. Vão sur-

gindo jardins infantis, parques, colónias. Mas mais e muitos mais são necessários: lugares onde os pequenitos brinquem, joguem, vivam uns com os outros, no seu mundo!

Nem só isso, porém, é suficiente. Os pais precisam aprender a cuidar os filhos. Também eles, para isso, têm de ser orientados e ajudados.

De um lado é preciso evitar que os novos, com a assistência a espectáculos nocivos ou inúteis, com o viver em maus ambientes, com a privação do que lhes é próprio, estraguem a sua mentalidade e o seu físico em formação; de outro, for-

| | | | |
|---|--|--|--|
| Dr. Pinheiro de Moraes | | Dr. Moreira da Costa | |
| HORARIO DAS CONSULTAS | | | |
| A's 2. ^{as} , 4. ^{as} e 6. ^{as} -feiras | | A's 2. ^{as} , 3. ^{as} , 4. ^{as} , 5. ^{as} e 6. ^{as} -feiras | |
| Das 8,30 às 10 horas | | Das 14,30 às 17 horas | |
| A's 2. ^{as} , 3. ^{as} , 5. ^{as} e 6. ^{as} -feiras | | Aos Sábados | |
| Das 14,30 às 17 horas | | A's 16 horas | |
| CONSULTÓRIO: RUA OITO N.º 681 - ESPINHO | | | |

Galeria de Figurões

XIV



Foi o nosso grande AMPARO
E aqui se cobriu de louros,
Quando se atirava ao oquei
Como SANTIAGO aos mouros.

Quanto a Académica deve
Ao seu labor tão sereno...
—Foi um grande professor
Dos «nossos», este pequeno!

Nos seus discursos de légua,
—Era sabido... era regra!—
Exaltava o seu amor
Pela camisola negra!

Hoje, na Africa, tão miúdo,
Vai direitinho aos seus fins,
Tão grande... que até os leões
Têm medo dele... em patins!...

Zé Pacato

O QUE ENCHE UM PROGRAMA



(De "O CINEMA EM MARCHA" de Manuel de Azevedo)

A campanha acabou de tocar e as luzes apagam-se. O espectador assoa-se, tira o chapéu, procura instalar-se comodamente na cadeira, acotovela o parceiro do lado para se calar e a sessão começa.

Os Desenhos Animados.—

O espectador de cinema é como o leitor do jornal: gosta de encontrar as habituais secções, entre as quais procura com mais solicitude as de sua predilecção. Numa sessão cinematográfica não é somente o filme de fundo que interessa o público. Os complementos são igualmente uma força de atracção muito de considerar.

Há mesmo quem vá ao cinema só para ver tal e tal documentário, determinado jornal de actualidades ou certo *curto* musical. Entre estes pequenos filmes, que valorizam as sessões cinematográficas, devem destacar-se os desenhos animados.

Realmente, quantos programas valem a pena ser vistos somente por causa daqueles filmezinhos coloridos em que a fantasia, a beleza, a graça e até os conceitos são uma nota singelamente saudável e alacre, no meio de um cretinismo romântico e alarve?

Há, sem dúvida, quem não goste ainda dos bonecos animados, sobretudo no sector dos senhores barrigudos e importantes, que têm a impressão de que se diminuíam «se gostassem daquilo». Mas a grande maioria do público das salas de cinema já não esconde o seu entusiasmo e o seu agrado por tal género de filmes. A própria ideia de que os desenhos animados são para crianças está a ser abandonada.

Por um lado, isto é lamentável. Com efeito, o desenho animado é substancialmente infantil. O Pato Donald, por exemplo, acima de todo o simbolismo que lhe possa ser atribuído, é um personagem que para as crianças possui a realidade suficiente para as impressionar, divertir e educar.

Dizíamos acima que não considerar os desenhos animados como cinema infantil era, em parte, um mal. Expliquemo-nos. Os produtores de filmes de bonecos, verificando o sucesso obtido entre todos os públicos pelas suas produções, abandonaram em parte as preocupações educativas que toda a obra infantil pressupõe. E, assim, o desenho animado, se ganhou por um lado em amplitude, perdeu por outro em finalidade.

Que se não assustem os que consideram estes filmes como a mais pura manifestação de arte do cinema actual. Não é a filmes como a já célebre «História do velho Moínho», de Disney, que nos queremos referir. Porque toda a arte contém suficiente pureza para não toldar os espíritos in-

fantis e juvenis. Referimo-nos, sim, àqueles outros filmes de desenhos em que a habilidade substitui a arte, a anedota se sobrepõe à graciosidade e o espírito educativo desapareceu, para surgir o oportunismo.

A despeito de tudo isso, os desenhos animados são um capítulo brilhante da cinematografia actual. E' neles que se mantém com mais frequência o equilíbrio artístico, a originalidade e a beleza—bálsamos magníficos que a inteligência humana oferece, como penitência de tantos dos seus desvarios e injustiças.

Entre a chusma de «vamps» e «estrelas» irresistíveis, que abundam como praga banalona e representam a ofensiva da mediocridade, apetece de vez em quando dar um viva a Pluto ou ao Pato Donald, criações que reflectem, pelo menos, o génio e o progresso do nosso século.

Os Documentários.—

O documentário é sem dúvida um meio de transmitir ao público conhecimentos preciosos. Neste género se podem produzir obras excepcionalmente ricas de objectividade e também de beleza.

Não estamos de acordo com aqueles que consideram o documentário como «cinema sem o dever de arte». Achamos até indispensável que o documentário o seja. Fora disso os assuntos dados perdem-se fatalmente numa barafunda de fotografias desconexas, sem ritmo e sem poder sugestivo. O documentário é uma construção. Precisa de ser orquestrado, ritmado; necessita de uma base plástica fundamental e de um dinamismo de cenas e de planos adequado. O documentário, nos exemplos mais interessantes, aparece-nos como um poema vivo, útil e belo simultaneamente. São exemplos típicos *O fabrico do Aço*, *Sinfonia de uma Capital*, *Melodia do Mundo*. Georges Altman considera *Tempestade na Asia*, de Poudovkine, um belo exemplo de documentário lírico. Em Portugal, salvas as distâncias, podemos falar de *Maria do Mar*, de Leitão de Barros. Mas é sobretudo com *Douro, Faina Fluvial*, de Manuel de Oliveira, que o documentário português mostra as suas possibilidades (1).

Joris Ivens realizou, há pouco, dois documentários que eram, por assim dizer, dois poemas trágicos e heróicos como os poemas de Pablo Neruda. Um chamava-se *Terra de Espanha* e o outro *400 Milhões*. Este último era «uma obra emocionante, imensa, digna do assunto assim como do autor» (2). Nele se reconstituía a tragédia e o heroísmo da China em guerra, numa visão grandiosa e empolgante.

Mas estes filmes são puras

Continua na pág. 9

3 Datas para uma Pessoa

Continuado da pág. 6

de inverno ali passadas, com o radiador aceso e uma manta pelas pernas, depois do jantar, devem ser um amor.

«A mulher está a demorar o jantar! O que será hoje? Sorri. Até esta novidade de todos os dias lhe torna a existência agradável. A mulher, coitada, faz todos os possíveis por variar sempre de comida. Como poderá fazer tudo por trezentos escudos? Às vezes tem vontade de lhe dizer que é demasiado pouco. Há-de perder dinheiro. Mas é tolice: se lho disser ela quererá logo explorá-la. Como a costureira: bastou dizer-lhe que trabalhava bem para levar logo mais alguma coisa com a desculpa «que está tudo pelos olhos da cara».

«E as sedas? A Sara sempre ficará com as sedas?» Morde o lábio de baixo com os dentinhos brancos. Uma amiga, a Fernanda, trabalha com sedas de contrabando. Dá-lhe cinco escudos em cada metro, mas ela põe mais vinte. Mesmo assim são muito mais baratas que nas lojas. E vendem-se tão bem...

Ri-se com ar irónico. E a Fernanda a julgar que lhe fazia ninho atrás da orelha! Porque será que tudo em que entra dá lucro? Se estivesse na América... Fecha os olhos e sonha com uma grande companhia... uma legião de empregados a girarem sob as suas ordens... Depois lembra-se, de repente, do açúcar. Se conseguisse arranjar mais açúcar, nem

que fôsse ao triplo do preço! Agora, nas pastelarias, tudo é proibido e ela faz uns pastelinhos de ovos de se perder a cabeça. Quando os fabrica, não tem mãos a medir. Na Companhia, até o Director encomendal

Ri-se. Estas brincadeiras dão-lhe para todas as extravagâncias, mesmo as mais caras. E é tão engraçado meter-se nestas aventuras... Além disso tem de começar a ir às águas. Sofre da bexiga e do fígado.

Fica pensativa. Uma ruga ergue-se-lhe no intervalo das sobancelhas. O coração também não está bom. Sente agora umas aflições tão esquisitas...

Oral fez bem em recusar o Visconde. Já que não foi em 1936, agora vive melhor sozinho. Não tem que fazer sacrifícios, nem sofre o mínimo desgosto. O tempo é pouco para se dedicar a si. A vida são dois dias.

«Mas aonde eu hei-de ir?» A irmã está doente e se não sair virão chamá-la. Começa com histórias tristes, dificuldades da vida. E nem sempre pode dizer que não...

«O Frei Luiz de Sousa?» Já o viu dezenas de vezes. Mas faz tudo bem... Ah! vai antes ao «Amor de Perdição!» E' mais triste, mais dramático... Reclina-se, deliciada. A certeza de que terá, essa noite, uma das suas pândegazinhas de choro, banha-a numa confortável sensação.

Luiz Couto Garcia

TRÊS DATAS PARA UMA PESSOA

Por LUIS COUTO GARCIA

1926 — Seiscentos Contos

Foi quando a Mãe morreu 5 de Março de 1926.

Era a única filha que vivia com ela. Um mês antes, a Mãe, naturalmente na previsão da morte próxima, mandou-a vender os títulos para saber a fortuna que tinha para deixar a cinco filhos. «Traz o dinheiro para casa e mete-o no cofre» — disse com voz sumida.

Eram seiscentos contos metidos numa mala de fole e as mãos frias, suadas. Seiscentos contos para cinco! Porque não haviam de ser quinhentos?

A pergunta entrou-lhe no cérebro e já não o deixou. Assustou-se com a tentação. Experimentou uns argumentos sentimentais, com o coração a galope e a boca seca. Primeiro era a imagem da Mãe, moribunda, envolta numa tensão de superstição e medo. Aterrorizava-a pensar o que aconteceria se... Depois... E se os irmãos viessem a saber?

O carro seguia e a ansiedade aumentava. O melhor seria falar em seiscentos. A tentação era, porém, rija: quebrava todos os argumentos.

Os irmãos nunca poderiam saber. Mas não seria feio enganá-los? Ora! se estivessem no seu lugar fariam o mesmo. Eram todos frescos!... Quando tivera de se empregar, na eminência da Mãe ficar sem nada com a questão das partilhas, alguém lhe deu a mão? Repetiu isto numa onda de ressentimento. Além disso estavam, hoje, todos casados e com a sua situação na vida. E ela era solteira...

Este argumento pareceu-lhe tão forte, tão justo que, ao entrar em casa, não a prendia já a menor hesitação.

Com voz sumida, a Mãe, ao vê-la chegar, perguntou: Então? «Ela crispou a mão fria e suada na pegadeira da mala de fole. Pensou em dizer seiscentos. A boca, porém, foi mais rápida e firme: «QUINHENTOS CONTOS!»

«Deus seja louvado! — comentou a doente. Cem contos certos a cada um! Posso morrer em paz! E morreu em paz.

1936 — ACABOU-SE UM MÓVEL USADO

Foi quando morreu o noivo 10 de Junho de 1936.

O noivo era já como um móvel certo na sua vida. Mas ao fim de doze anos de uso acabou-se. Ela sofreu um desgosto que julgou ser mortal. Depois, como só perdeu cinco quilos, sem estalar de dor, quis matar-se. Sentia-se com um vazio, um bocado a menos. Esse bocado a menos era ele. Muito pior, no entanto, do que isso era o remorso de não ter casado, doze anos à espera que ele ganhasse mais.

Já antes da mãe morrer o noivo ia, amíúde, lá a casa. Nos últimos dias que precederam a

sua morte até lá dormiu. Foram, assim, dez anos de convívio estreito em que o namoro oficial se tornou um hábito tão necessário como o de comer.

A's vezes, em certas noites, êle pegava-lhe, ardentemente, as mãos. Depois, de repente, encostava-se. Acabava por abraçá-la e parecia anormal se se não beijassem.

A ânsia dêle queria ir mais longe, mas o trânsito estava, terminantemente, impedido. Isto desdentou-lhe os assomos, domesticou-o. O que não obstava, contudo, que ela não gozasse, com um prazer sempre novo, o seu sustozinho viciado.

A impossibilidade de ultrapassar o susto com um acto definitivo fazia-o pensar, constantemente, no casamento. Muitas vezes, ao subir as escadas com a pontualidade a que ambos se habituaram, erguia, com decisão, a vontade de acabar nesse dia mesmo, com aquela demora de anos. Havia de enlouquecê-la e depois tornar irreparável outra decisão que não fôsse o casamento. Mas ela depois de gozar o sustozinho, na eminência do aumentativo, dizia, com voz transtornada, que já eram horas e levantava-se para arranjar o infalível chá. Sentavam-se, depois, a comer os pastelinhos castos que ele trazia. Um relógio de cuco lembrava o tempo num trauteio irónico. Parecia estar jogando às escondidas. Ele, entretanto, dizia, com ar cansado:

— Quando te resolves, filha? Ela respondia.

— O' querido, a vida está tão difícil... Era preciso que tu fôses aumentado...

Ficava desanimado, mas, para mostrar brío, arvorava uma esperança:

— Sim... Eu, qualquer dia...

Era-lhe impossível, porém, esconder o desabafo.

— Quem me dera casar, filha!...

E estendia-se na maravilhosa visão da vida em comum, um só corpo, uma só alma, uma só alegria...

A meia noite o cuco encerrava a sessão.

Ela ficava a pensar no casamento. Se casasse perdia três Montepios, deixava o emprego (o que não diriam se continuasse empregada!). Restava o dinheiro no Banco, para a velhice, já arrazado com o tifo que tivera.

Mas tinha a esperança de que a vida era muito longa. Havia sempre a possibilidade de esperar. E ele, um dia, seria aumentado. Para poderem ter filhos, enfrentar doenças e levar uma vida suave e cómoda.

Entraram, sem dar por isso, nos quarenta anos... O noivo começou a andar triste, fastioso. Chamava àquilo neurastenia. A neurastenia, de repente, crismou-se. O médico pos-lhe o nome de tuberculose galopante.

Só então ela compreendeu, dum jacto duro, que a vida não é curta nem é longa — tem oportunidades que não esperam. Nessa

BOA JUSTIÇA

*E' a ardente lei dos homens
Das uvas fazerem vinho,
Do carvão fazerem fogo,
Dos beijos fazerem homens.*

*E' a dura lei do homem
Manter-se intacto, apesar
Das guerras e da miséria
E dos perigos de morte.*

*E' a boa lei dos homens
Transformar a água em luz,
O sonho em realidade
E em irmãos os inimigos.*

*E' uma lei velha e nova
Que vai sempre melhorando
Do coração da criança
Até à razão suprema.*

Paul E'luard

(TRAD.)

altura perdeu o amor à garantia da velhice, ciosamente guardada no Banco. Chamou médicos, fez promessas a muitos santos, sonhou que, se êle se curasse, casar-se-iam logo, mesmo com o seu pequeno ordenado...

Foi ouvindo estas palavras que êle, sem dar por isso, num sonho quente, se despediu da vida.

1946 — A vida são 2 dias

E' a terceira proposta de casamento que recebe. E acaba de recusar o encontro protocolar com o pretendente. E' um Visconde, mais velho do que ela dez anos, mas fino, distinto.

Ainda teve uma tentação. Um homem rico, um título de Viscondessa... «Senhora Viscondessa, dá licença?» Seria uma criada de avental, punhos e touca de rendas, como há no cinema. «Hoje vou ao cinema».

A ferida de 1936 já sarou. Continua empregada: chefe de secção, dois mil e quinhentos escudos, três montepios e mais de duzentos contos no Banco. A velha casa com renda de há vinte e cinco anos (150\$00), tem uma maquilhagem de vinte contos, ficou a última palavra do conforto. Os móveis velhos fôram atrás das tristes recordações. Numa casa enorme, duas salas arrendadas a um casal de estrangeiros, sempre fora, rendem quinhentos escudos.

«Mas a que cinema hei-de ir?» Só gosta de filmes e peças dramáticas. Puxam-lhe os humores, como sinapismos. Sentada na plateia cómoda, chora como uma órfã e volta para casa satisfeítíssima. Sente-se mais leve. A sensação de quem descarregou um peso.

«Mas não terei feito asneira?» Viscondessa! Papel timbrado com um braço. E a inveja das colegas!... Lembra-se, porém, da sua existência sem cuidados, sem ter a quem aturar, livre. Não! Nunca se casará! Possui todas as comodidades; vai aonde quer; tem uma casa com tudo quanto é bom e novo...

Olhar para os móveis cheirando a fresco dá-lhe um prazer sempre diferente. Naquele canto está mesmo a calhar um maple e um candeeiro de pé. As noites

Continua na pág. 7

O Tema Religioso no Cancioneiro Popular

Um dos temas mais originalmente tratados no Cancioneiro Popular é o religioso. O nosso povo, com uma viva compreensão da Natureza e do real cotidiano, olha as divindades de forma muito característica e fala delas com risonha e maliciosa sem-cerimónia. Assim toda a figura divina demasiado mística ou dramática não tem o beneplácito do povo: o Pai do Velho Testamento, o Deus do «olho por olho, dente por dente», o Jesus do drama do Calvário, o Espírito Santo, não são nunca evocados. Apenas o Menino Jesus risonho e lindo, a Virgem e os Santos (quase sempre Santo António e São João Baptista) têm as honras do Panteão Popular. Mas mesmo estas são esvaziadas do seu conteúdo místico. Não são aquelas divindades hierarquicamente escalonadas no céu. Só formalmente se aparentam com elas.

Estas, as do povo, vivem com ele o dia a dia, têm carne, têm sangue, sofrem e amam. Até trabalham como qualquer simples mortal:

Nossa Senhora da Veiga
Ela lá vai Douro acima,
Com a cestinha no braço
Fazer a sua vindima.

São divindades aparentadas com o Menino Jesus de que fala Fernando Pessoa, o que «era nosso de mais para fingir de segunda pessoa da Trindade e que por isso tinha fugido do céu». Pois também as Virgens, os Meninos Jesus e os Santos de que fala o nosso povo fugiram, há muito, do céu e vivem em boa harmonia com a amiga Natureza e com os homens, não súbditos, mas irmãos.

Oh! meu Menino Jesus
Quem vos deu porque chorais?

E o meigo menino, irreverentemente tratado pelas moças, responde, amuado lamuriento:

Deram-me as moças na fonte
Não hei-de tornar lá mais.

Os Santos, esses, não se impedem de namorar as moças:

Fui ao mato cortar lenha
Santo António me acenou
Quando o Santo chama a gente
Que fará quem já pecou!

Lá vem o Baptista abaixo
Subindo aquelas ladeiras
Dando abraços às viuvas
E beijinhos às solteiras.

O Santo António e o S. João Baptista são assim sempre tratados, com malícia e irreverência.

Como achar algum parentesco entre estes, os do Povo, e aquele S. João ascético e rude dos Evangelhos ou aquele Santo António, o místico, da boa tradição teológica? Que consoladora diferença. O povo só os aceita humanizando-os, integrando-os na sua vida, dando-lhes as suas qualidades e os seus defeitos. E não os deminue.

Pelo contrário. Todo o real humano, elevado ou comezinho, tem sempre a maravilhosa grandeza do que é concreto e real. Tem a vantagem de ser vida, vida sentida e vivida, a inegalável vantagem que o irreal, negação da autêntica realidade como tal, já jamais poderá alcançar.

Maria José Marinho

DESPORTO

Hoquei em Campo

Continuado da pág. 2

Este primeiro jôgo ocasionou um protesto da Académica, fundamentado em possíveis irregularidades técnicas. No entanto, como a Associação de Hoquei em Campo do Porto não está em condições de se pronunciar sobre este assunto, será o mesmo submetido à apreciação da Federação.

Há a notar com agrado o interesse de todos os Hoquistas em conseguir uma boa classificação e o aparecimento de dois novos elementos, que se têm mostrado bastante dedicados ao Hoquei em Campo.

Para que se consiga uma actuação notória na actual competição, são de facto indispensáveis a boa vontade e a assídua colaboração de todos os elementos da «turma académica».

FUTEBOL

O Sporting de Espinho, após um Campeonato Regional em que teve actuação irregular, parece, a julgar pelas duas jornadas iniciais, disposto a repetir um bom comportamento no Nacional da II Divisão. Não assistimos ao jôgo de Santo Tirso mas, ouvindo as opiniões de diversas camadas e grupinhos, e feitos os prudentes descontos a possíveis exageros, concluímos que a equipa agradou, não traduzindo o resultado final do encontro a valia da sua exibição, de mais merecedora. Apesar de tudo isto, um pouco descrentes nos dirigimos ao Campo da Avenida para vermos os donos da casa de frente ao campeão bracarense. Se mais não houvesse, bastar-nos-ia a actuação da defesa (cuja má forma não era de molde a fazer acalantar grandes esperanças) para sairmos satisfeitos. Embora com Veríssimo em recurso colocado a defesa direito, a defesa só claudicou quando da marcação do tento de honra dos visitantes. Angelo demonstrou segurança, calma, personalidade, ao centro do terreno, enquanto, na esquerda, Lopo dava indícios de ter passado a crise, exibindo autoridade, «genica» e a sua característica e leal dureza. Walter uma vez mais acusou o destreino a que tem sido forçado enquanto que Cadete, embora adoentado, teve exibição valiosa, em harmonia com as suas faculdades e «calo» do futebol. Na linha avançada há a destacar sobre os outros os interiores, Garro e Guilherme, em dia de pleno acerto, aliás muito bem coadjuvados pelos restantes avançados. Gomez, embora fora do seu lugar habitual, saiu-se a contento da tarefa, sobretudo tendo-se em atenção que teve a marcá-lo o melhor e mais duro dos defesas adversários. Loureiro, dentro do seu normal, apenas pecou na marcação dos livres de canto. Waldemar, ultimamente tão discutido, teve actuação de harmonia com as suas reais possibilidades, tanto mais que o seu par o não marcava muito estreitamente.

Conclusão: exibição agradável da equipa espinhense, bem traduzida pelo número de tentos obtidos, quase todos de excelente factura. Aguardemos confiadamente o desenrolar da prova e não arisquemos prognósticos antes de conhecer a valia das restantes equipas pois, por enquanto, ainda tudo são rosas.

A missão de treinador é talvez a mais ingrata de quantas possam desempenhar os homens do desporto. Isto, que se verifica em todas as modalidades, atinge proporções calamitosas quando respeita ao futebol, menino bonito das multidões. Alcançado de super-sábio quando arde a maré alta da vitória, o treinador é rei indesculpável nas horas cinzentas da derrota. Fiel à sua maneira de interpretar os problemas que surgem, integrado num modo muito seu de apreciar os jogadores, algumas vezes movido até por antipatias ou simpatias pessoais, o treinador colide, frequentemente, com os adeptos, dirigentes e atletas da colectividade a que presta serviços, os quais, como é lógico, também têm a sua opinião própria, o seu critério pessoalíssimo. Das situações de mal estar, umas vezes consentido, outras provocado. Das os mal entendidos, a má língua, o borborinho de café. Do mais insignificante incidente faz-se um

Desporto Feminino

No nosso país o desporto feminino está ainda muito longe de atingir as proporções de um vasto movimento, pois, fora das nossas maiores cidades, pode dizer-se que a mulher está totalmente afastada das práticas desportivas.

Há ainda uma grande incompreensão acerca da participação da mulher no campo da educação física, e tal incompreensão não se nota somente naqueles indivíduos que se opõem a todas as inovações—seja qual for o sector em que elas tenham lugar—mas também naqueles que, pertencendo à grande massa dos apaixonados do desporto—ainda que só como espectadores—aproveitam todas as oportunidades de criticar ou ridicularizar qualquer esforço sério no sentido de levar as nossas jóvens a uma prática desportiva regular.

A mulher tem conquistado nos últimos tempos um lugar tão importante nos diversos ramos da actividade, que a ideia de que a ela está vedada a prática do desporto é, nos nossos dias, inteiramente absurda, não podendo, pois, ser seriamente defendida, sob nenhum pretexto.

A crença, ainda entre nós generalizada, de que a mulher deve unicamente dedicar-se ao lar, foi duramente abalada nos últimos tempos e principalmente durante a guerra mundial, quando, nos diversos países em luta, ela substituiu o homem—que partia para os campos de batalha—nas mais diversas ocupações, algumas das quais, até então, apenas desempenhadas por elementos masculinos.

A vida moderna exige, cada vez mais, a colaboração da mulher nos vários sectores profissionais; é absolutamente justo, portanto, que ela aproveite algumas horas livres das suas tarefas diárias, actuando nos ginásios, nas piscinas ou nos campos desportivos.

Mesmo no nosso meio, onde a maioria das mulheres se ocupa unicamente do lar, elas devem receber os benefícios duma adequada educação física—fonte de saúde e de alegria—dedicando-lhes algo do tempo (bem pouco,

em certos casos), que o trabalho doméstico lhes permita.

* * *

Estas considerações vêm a propósito do próximo recomeço da actividade do grupo feminino de voleibol do Sporting Club de Espinho, cujos treinos tiveram início nos primeiros meses do corrente ano.

No norte do País, que nos deve interessar particularmente, o movimento desportivo feminino é insignificante. Portanto, a iniciativa do clube local é digna de ser louvada e acarinhada, para que ela seja o início dum trabalho regular, que em breve atinja outros desportos.

Há que apoiar esta tentativa do Sporting, e estimular—da parte daqueles para quem a educação física é algo sério e necessário—as nossas raparigas a aproveitarem o seu tempo livre na prática de modalidades que lhes são recomendáveis, tais como o voleibol, a ginástica ou a natação.

A propósito de natação... Custa a crer que, possuindo Espinho uma boa piscina, não tenham os clubes locais secções de natação e com um número apreciável de elementos.

Seria do maior interesse que as direcções das duas agremiações desportivas espinhenses estudassem, oportunamente, com a maior atenção, a possibilidade de se formarem tais secções, que, a serem uma realidade, deveriam encarar, desde o início, a criação duma escola feminina, pois a natação tem mostrado ter uma grande popularidade entre as mulheres doutros países, alguns dos quais, pequenos como o nosso, como a Dinamarca, ou a Hungria, têm obtido excelentes vitórias nas competições internacionais.

Mas torna-se necessário, para que todas as tentativas tenham êxito, que se crie, da parte de todos nós, o indispensável ambiente favorável ao desporto feminino, pois é suficiente razão para afastar as nossas jóvens dos campos desportivos o receio que as suas intenções, inteiramente louváveis, sejam incompreendidas e desvirtuadas.

J. F. Martins

O QUE ENCHE UM PROGRAMA

Continuado da pág. 7

excepções. O documentário é geralmente uma coisa pires, pretensiosa e vasia. Lembra-se talvez o leitor de um documentário colorido sobre a Madeira, exibido há tempos. Quem não conhecia a Madeira ficou ainda a desconhecer-la inteiramente, depois de ver este filme. O típico carro sem rodas, meia dúzia de fotografias «bonitas», um pôr do Sol e... pronto. Abusa-se das fotografias da paisagem, género bilhete postal ilustrado, dos contra-luz, do bonitinho tradicional e gasto.

Do mesmo modo poderemos falar de documentários sobre o Japão, Índia, Chile e Califórnia. O documentário português habitual resume-se nisto: uma vista panorâmica de uma vila qualquer, duas ruas pitorescas ou não, um jardim, uma igreja.

Que aprende o público com o documentário? Que viu ele da vida das localidades mostradas? Nada! Desoladoramente nada.

O documentário, quando não é falso ou arranjado, é vazio. Nada apresenta de vivo, de humano, de educativo. Não mostra o ambiente da vida dos homens, o que fundamentalmente interessa; não satisfaz nenhuma solicitação do público. Deixa-nos completamente indiferentes ou insatisfeitos.

Árvores, céu e mar; mar, céu e árvores. Mais nada. Às vezes flores, campinas e montanhas, também.

(1) FAMALICÃO, do mesmo autor, embora seja um documentário bem feito, não possui o interesse e a beleza do anterior.

(2) Claude Aveline.

CONCLUE NO PRÓXIMO NÚMERO

Sê bom assinante de

"Rumo"

angariando assinantes

OS HAVERES DA ACADÉMICA ESTÃO SEGUROS NA

COMPANHIA DE SEGUROS

SOBERANA

LISBOA * PORTUGAL

Delegação no Porto: R. RODRIGUES SAMPAIO, 169-2.º

caso transcendente, graças ao ponto que cada qual, a seu belo prazer, entende crescer ao conto que lhe impingiram. Depois, na hora de se aclarar as coisas, cada qual diz a sua verdade, uns firmam-se em posições sólidas, outros em posições insustentáveis. Aquele que nada mais sabe além do «diz-que-diz-que» das esquinas, continua a não perceber nada do assunto em causa e acaba por tomar partido por uma das facções, consoante o «veneno» que lhe fizeram ingerir. Há quem considere estas questões uma prova de vitalidade de um clube mas, conhecedores do meio, só as reputamos prejudiciais. Façamos votos por que a fogueira depressa se acabe e o vento norte leve consigo as cinzas finais.

NATAL

Continuação da pág. 10

entre os seus discípulos no jardim das Oliveiras, que mandaria embainhar a espada de Pedro para beber o calix da amargura, que seria levado de Caifás para Pilatos, que seria condenado, que lhe poriam a coroa de espinhos, que o fariam subir o Calvário sob o peso da sua cruz, que finalmente o crucificariam entre dois ladrões aos olhos da sua própria mãe.

Não, a vida não é uma festa permanente e imóvel, é uma evolução constante e rude. O Natal é a festa das lágrimas para todos aqueles para quem ele não é a festa da inexperiência. E todavia pensavam alguns que era útil

não deixar de a celebrar. Que importa que o número ou que o nome dos convivas varie em cada ano? Que importa que alguns amados velhos falem ao banquete? Que importa que nós mesmos faltemos para o ano que vem na festa dos mais novos?

* * *

Esta noite de alegria para as crianças será sempre de alguma saudade para os adultos. Assim teremos a esperança terna de sobreviver, por algum tempo, na lembrança dos que amamos—uma boa vez ao menos—de ano a ano.

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

CEREAIS — MERCEARIAS
Armazenistas

AZEITES
Armazenistas e Exportadores

Cadinha & Couto

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52



ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA DUARTE & C.ª

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)

445, R. Bandeira Coelho, 451

Largo dos Aviadores, 104

Telefone 16

Telefone 3771-GAIA

ESPINHO

CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

C I M E N T O S

Bravo Portland
LUSO PATAIAS

Utilizá-los é preferi-los

DISTRIBUIDOR:

A. Trindade, Sucessor

CAIXA POSTAL
4

FERRO, AÇO E CARVÕES
MATERIAL LUSALITE
TINTAS TEXOLITE

TELEFONE
39

880, AVENIDA OITO, 886 ~ ESPINHO

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JÚNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO
DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUA 37 • 22-ESPINHO-TELEFONE 338

Colégio de N.º S.º da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A

FABRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA
PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS

SOUSA & IRMÃO

RESERVAM ESTE ESPAÇO PARA QUANDO PRECISAREM DE PROPAGANDA

FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.ª, L.ª

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇAS E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMINIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 222

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

TIPOGRAFIA PROGRESSO

ANTÓNIO GUETIM

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
TRICROMIAS

RUA 20 N.º 361 • ESPINHO • TELEFONE 125